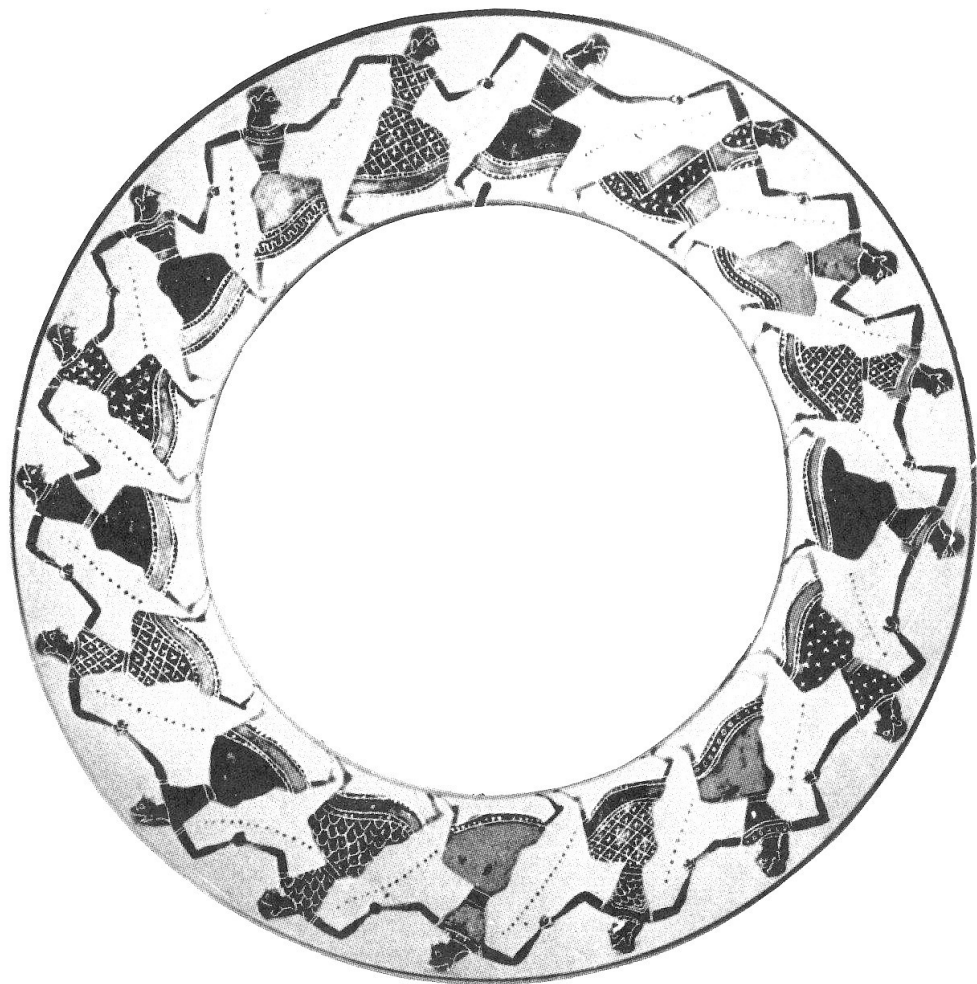


“ Tribadismo significa “a que roça”, e faz referência a uma prática sexual entre duas mulheres em que se apoiam os corpos e ficam peitos com peitos, vulva com vulva e começam a contorcionar-se, friccionando-se mutuamente os clítoris até chegar ao orgasmo simultâneo. ”



Tribadismo: Arte do friccionamento

Uma antiga prática lesbiana

valeria flores



Diffusão Herética

edições lesbofeministas independentes



HERÉTICA EDIÇÕES FEMINISTAS E LÉSBICAS INDEPENDENTES.

Editorial feminista que consiste em uma iniciativa autónoma e autogestionada para difundir pensamento feminista, fazendo

circular materiais feministas que sejam contra-hegemónicos: lésbicos, radicais, anti-racistas, ecofeministas, anti-capitalistas, anarcofeministas, na aposta de que a reflexão crítica e o conhecer nossa memória conleva a radicalização, autocrítica e busca de identidade ativista, resgatando ao mesmo momento nossas próprias palavras, pensamento, simbólica herstory.

APOIAMUTUA@RISEUP.NET

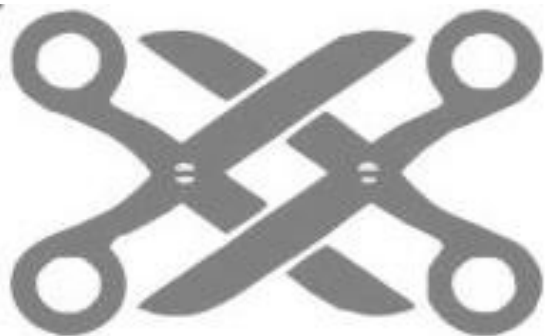
**FOTOCOPIE E DIFUNDA
ANTICOMERCIAL
A PROPRIEDADE INTELETUAL É ROUBO
ARMA SUAS EDIÇÕES
AUTONOMIA & SORORIDADE FEMINISTA!**

Pouco conhecemos, ou quase nada, acerca de como viviam as mulheres que tinham relações erótico/sexuais/afetivas com outras mulheres, em épocas em que a sexualidade das pessoas não indicava uma sexualidade sexual determinada.

Judith Brown[i] concebe que “as dificuldades conceituais que os contemporâneos tinham com respeito a sexualidade lesbiana se refletem na carência de uma terminologia adequada. A sexualidade lesbiana não existia; portanto, tampouco existiam lesbianas. Uma vez que a palavra “lesbiana” aparece uma vez no século XVI na obra de Brantome, não foi de uso corrente até o XIX, e inclusive então foi aplicada antes a certos atos em lugar de uma categoria de pessoas. Ao carecer de um vocabulário e de conceitos precisos, se utilizou uma larga lista de palavras e circunlocuções pra descrever o que as mulheres, ao parecer, faziam: masturbação mútua, contaminação, fornicação, sodomia, corrupção mútua, coito, copulação, vício mútuo, profanação e atos impuros de uma mulher com outra. E no caso de chaamres de algum modo àquelas que faziam essas terríveis coisas se chamavam ‘fricatrices’, isto é, mulheres que friccionavam umas com as outras ou “tribadistas”[tribades], o equivalente grego a esta mesma ação.

Tribadismo significa “ela que roça” e faz referência a uma prática sexual entre duas mulheres em que elas se apoiam os corpos e pactuam peitos com peitos, vulva com vulva, e começam a contorsear-se, esfregando-se mutuamente os clitóris até chegar ao orgasmo simultâneo.

No nosso país (Argentina) no século XX, podemos observar a partir de alguns documentos, o temor da expansão do tribadismo. Jorge Salessi, em seu estudo original sobre como operou a homossexualidade na constituição do estado nacional argentino, diz acerca da homossexualidade feminina, "...nas formas de representação de uma homossexualidade das mulheres, por exemplo, se faz evidente a propagação exagerada de um pânico homossexual, uma ansiedade cultural produzida,



promovida e utilizada para controlar e estigmatizar populações consideradas perigosas pela cultura patriarcal e burguesa hegemônica”.

O autor aprofunda em como a educação nacionalista [iv] cumpriu um papel fundamental em combater o erotismo entre mulheres, chamando os naquela época de tribadismo, uranismo e/ou fetiquismo. Segundo Salessi "tribadismo", significava práticas sexuais entre mulheres, ademais de "hábitos" ou comportamentos definidos como incorretos para seu sexo biológico. Esses costumes ou prácticas sexuais eram, segundo os pedagogos e criminólogos argentinos, aprendidas especialmente no meio insalubre das escolas e colégios de monjas.

Por exemplo, em José Ingenieros[v] se revela uma aguda preocupação pela homossexualidade feminina. Ele argumenta que

Valeria Flores <valeriaflores@ciudad.com.ar>

Feminista Lesbiana

Colectiva feminista La Revuelta – Neuquen, Argentina

Publicado em 23 de outubro de 2003 em safo piensa lista

pequena incisão contra essa esfera do silêncio e segredos que apresenta a impossibilidade de adjudicar um espaço discursivo às relações sexuais entre mulheres. E faço próprias as palavras da feminista afroamericana Cheryl Clarke, “dedico esta obra a todas as mulheres ocultadas pela história cujo sofrimento e triunfo tem feito possível que eu possa decidir meu nome em voz alta. “

NOTAS

[i] Brown, Judith (1989). Afetos vergonhosos Sor Benedetta: entre santa e lesbiana. Ed.Crítica, Barcelona.

[ii] Salessi, Jorge. (2000). médicos, maleantes y maricas. Beatriz Viterbo Editora. Rosario.

[iii]A noção de pânico homossexual é citada por Salessi, a quem a retoma de Eve Sedgwick em Epistemologia do armário. Sedgwick explica que especialmente na segunda metade do século desenove, a produção e utilização do pânico homossexual serviu para a perseguição de uma nascente minoria de homens que se identificavam a si mesmos como homossexuais mas também, e especialmente para regular os laços homosociais entre todos los homens, laços que estruturam toda a cultura, o ao menos toda a cultura pública e heterossexual.

[v] Médico e escritor argentino, 1877-1925.

[vi] “Um passeio por afora do discurso: que fazem as lesbianas na cama?”. Susana Draper. Extraído da internet.

[vii] "Um ato de resistência" por Cheryl Clarke, extraído de la Recopilación sobre lesbianismo y homosexualidad masculina, realizada por Jorge Horacio Raices Montero.

“a homossexualidade se bem não era tão comum na mulher, o era entre mujeres de certa educação”. Ingenieros escreveu: “...a inversão se observa menos frequentemente nas mulheres; a educação e o meio são pouco propícios ao desenvolvimento do 'tribadismo', sendo menos raro entre mulheres independentes de toda trava social (artistas, intelectuais, etc). Nas jovens se observa muitas raras vezes, uma vez que a inversão sentimental ou romântica é muito frequentemente nos colégios e internatos femininos”

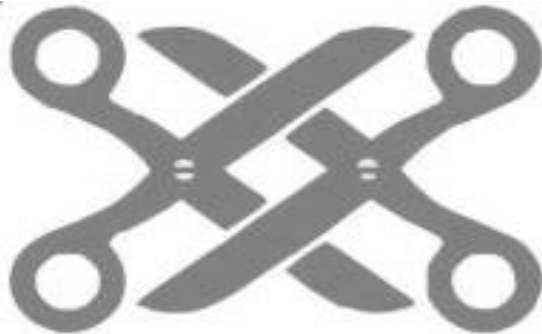
Em 1910, Ingenieros ofereceu a historia de una mulher que "no convento onde foi educada contraiu hábitos de tribadismo que persistiram ao sair dali: era uma maria-macha completa, tratava a suas condiscípulas como se ela fosse um homem e se dedicava a enamorar-las ou seduzí-las, para que se submetem-se a suas práticas tribadistas”. Explica Salessi que a única dessas práticas a que aludiu este criminólogo foi a do "onanismo recíproco" porém sem especificar como se masturbavam essas mulheres entre si. A reticência destes homens da ciência a descrever práticas sexuais entre mulheres (especialmente a comparar-la com a riqueza de detalhes com que descreveram as práticas sexuais entre homens) foi uma característica recorrente do discurso desta ciência sexual argentina. Uma vez mais, as relações eróticas entre mujeres nem sequer foram enunciadas, destinando-as ao campo do impensável, do indizível.

“No Livro de maneiras, escrito na modernidade precoce, o bispo Etienne de Fougere argumenta que o coito entre mulheres é tão absurdo como abominável, outorgando por exemplo de semelhante estupidez o ato de tentar pescar com vara sem ter a

vara (o que leva a sentenciar que o ato sexual entre lesbianas não é mais que um esforço inútil, desgaste de energias, ação desnecessária, etc.)” . Esse sem-sentido pode explicar-se parcialmente pelo contexto dentro do qual o "sexual" ha adquirido "sentido”.

O estatuto ontológico de sexo se planta através do duo penis-penetração; portanto, a ausência de tal par nos remete a que a razão de ser do ato "sexual" desaparece em quanto tal. Que estatuto se lhe poderia adjudicar à atividade sexual entre lesbianas?

Se o sexo se tem entendido enquanto equivalente do par penis-penetração, a pergunta que aparece é: que poderiam fazer as lesbianas para que tais atos adquiram o estatuto de "sexuais"? Uma forma de começar a desarmar esta pergunta pode consistir em pensar a seguinte fórmula: "Penetrar versus Atritar". Tanto a penetração como a descarga do sêmem tem tido bastante relevância em diversas tradições religiosas e seculares, pelo que se tem entendido que o atritamento entre lesbianas é uma “copulação falida”. Isto nos leva a revisar a assimetria fundamental que se depreende de outro duo: atividade-passividade, em que a atividade/penetração está associada com o masculino enquanto que a passividade/penetrada ao feminino. As práticas lesbianas como o tribadismo descolocam este sistema categorial, o desloca, e a lesbiana acaba fora da ordem do discurso. Se pensamos a penetração em termos extra-"pênicos”



abrimos interrogantes, como por exemplo, como administrar entre lesbianas o par atividade-passividade sem remeter ao masculino ‘penetrar’ nem ao feminino ‘penetrada’?, ou qual é o estatuto ontológico que se haveria de outorgar a um dildo cuja "masculinidade" (se atributo for adjudicavel) não pertencesse nem a um nem a outra?

Rastrear na história de silêncios as pistas das relações entre mulheres, da paixão entre mulheres, das formas que se tiveram designado o erotismo entre mulheres, entre as que se encontra o tribadismo, é uma convocatória a redescobrir a dimensão histórica de nosso desejo, suas lutas por sobrevivência e pervivência. É necessário compreender que a proliferação dos prazeres e a difusão de uma economia erótica não-falocêntrica afeta o sistema heteropatriarcal, ele que está intimamente ligado ao capitalismo, cuja base controlada é a família tradicional. O lesbianismo ataca essa base econômica e ademais desestabiliza o controle demográfico, base de suas previsões sociais. Por isso que o oculta e nega, apesar da ignorância a que é submetido o desejo lésbico, há que celebrar que segue palpitando no corpo de muitas mulheres. As mulheres que tiveram expressado sua paixão por outras mulheres, através das épocas, tiveram lutado e foram mortas antes que negar essa paixão. A síntese do lesbianismo e feminismo (dos movimentos teórico/políticos centrados e impulsionados por mulheres), intenta-se revelar e acabar com o mistério e silêncio que rodeia o lesbianismo. Esta análise é uma

